

O caminho do leitor de Lc 2,41-52

The reader's path of Lk 2,41-52

Márcia Eloi Rodrigues
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) - Brasil

Resumo

O artigo faz uma abordagem da perícopes de Lc 2,41-52 em chave comunicativa e tem por objetivo mostrar como o autor do terceiro Evangelho dá elementos ao seu leitor para que este tenha uma pré-compreensão suficiente que o leve a reconhecer a identidade de Jesus como Cristo, por meio do qual Deus visita seu povo. Para isso, são analisados o texto e o contexto de Lc 2,41-52, abordando sua demarcação, unidade e lugar no relato da infância (Lc 1-2). Em seguida, o artigo apresenta as orientações que o autor bíblico dá para que seu leitor percorra um caminho de pré-compreensão a começar em Lc 1,1-2,40, culminando no relato de Jesus aos doze anos, no Templo (Lc 2,41-52). Nesse ponto, é feita uma análise das diversas perícopes do relato da infância, na perspectiva do leitor-modelo e de sua crescente compreensão do texto. E, por fim, conclui-se o percurso recolhendo, a título de síntese, os principais elementos da cristologia lucana, bem como algumas características do leitor-modelo evidenciadas pelos textos estudados.

Abstract

The article approaches the pericope of Lc 2,41-52 in a communicative key and intends to show how the author of the Third Gospel gives elements to his reader in order that he may have sufficient pre-understanding that makes him recognize the identity of Jesus as Christ, through whom God visits his people. Because of this, the text and context of Luke 2,41-52 are analyzed, considering its demarcation, unity, and place in the Infancy Narratives (Luke 1-2). Then, the article presents the guidelines that the biblical author gives to his reader so that he can follow a path of pre-understanding starting in Luke 1,1-2,40, culminating in the account of Jesus at the age of twelve, in the Temple (Luke 2,41-52). At this point, an analysis is made of the various pericopes of the Infancy Narratives, from the perspective of the Model Reader and his growing understanding of the text. And, finally, the article concludes collecting by way of synthesis, the main elements of Lucan Christology, as well as some characteristics of the Model Reader highlighted by the texts studied.

Introdução

“Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16). Essa constatação é manifestada na narrativa em que Jesus, ao ressuscitar a filha de uma viúva, suscita a admiração das pessoas e o reconhecimento da visita de Deus (Lc 7,11-17).

Palavras-chave

Leitor-modelo.
Relato da
infância.
Cristologia.
Revelação.
Identidade
messiânica.

Keywords

Model reader.
Infancy
narrative.
Christology.
Revelation.
Messianic
Identity.

Essa visita divina, que traz a salvação a todos mediante a vinda do seu Messias, é narrada por Lucas ao longo de seu Evangelho, nas ações e palavras de Jesus, que constitui os “eventos acontecidos entre nós” (Lc 1,1).¹ E, para que o leitor reconheça essa visita no enviado de Deus, Jesus Cristo, Lucas inscreve em seu relato evangélico um percurso de leitura que o conduzirá nesse processo de interpretação e, com isso, constatar a solidez de sua catequese (Lc 1,4)². A proposta do prólogo, de escrever um “relato ordenado”, orienta o leitor a acompanhar a manifestação da visita de Deus ao longo da narrativa evangélica, mediante os sinais suscitados e sua consequente interpretação. Essa perspectiva será abordada no relato lucano da infância (Lc 1-2), no qual a revelação da identidade messiânica de Jesus acontecerá de modo progressivo, em diversos acontecimentos que suscitam interpretação por parte das personagens, tendo como ponto de chegada o relato da autorrevelação de Jesus aos doze anos³.

Desse modo, propõe-se apresentar o “caminho do leitor”⁴ da narrativa de Lc 2,41-52, no qual se procura “compreender a construção do leitor ao longo do relato que precede o texto escolhido: os eventos para os quais o leitor foi preparado, as expectativas que nele foram despertadas etc.” (GRILLI, 2004, p. 76). Essa proposta de leitura será abordada segundo a perspectiva do Leitor-Modelo, de Umberto Eco, como processo de cooperação entre autor e leitor em função da interpretação de um texto⁵.

¹ Os textos que falam da “visita de Deus” (Lc 1,68.78; 7,16; 19,44), segundo Coleridge (2000, p. 26) são estrategicamente situados e “sugerem que na narrativa de Lucas e Atos são capitais as questões referentes à visita divina e o seu reconhecimento”.

² Aqui nos referimos a “Lucas” como o autor inscrito no texto enquanto estratégia textual, que é denominado “autor-modelo” por Eco (1993, p. 89). Segundo Eco (2019, p. 23-24), “o autor-modelo é uma voz que fala conosco afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer à sua beira. Esta voz manifesta-se como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e deveremos cumprir quando decidirmos comportar-nos como leitor-modelo”.

³ Para maiores detalhes sobre essa questão, consultar a tese de doutorado de RODRIGUES, Márcia Eloi. “*En tois tou patrós mou*” (Lc,2,49): a identidade messiânica de Jesus segundo Lc 2,41-52 (e Lc 4,16-30). 2019.

⁴ Por “caminho do leitor”, não nos referimos à concepção de Geraldi (1984, p. 86-87), que refere-se a um princípio que respeita o processo e histórico de leituras do estudante em ambiente escolar. O termo aqui é empregado na perspectiva da abordagem comunicativa do texto bíblico, como um passo metodológico que visa apresentar como o leitor é construído no bloco narrativo que antecede o texto a ser analisado, ou seja, a pré-compreensão do leitor (GRILLI, 2004, p. 86).

⁵ 1993, p. 80. O leitor-Modelo de Umberto Eco (1979) é muito semelhante ao Leitor Implícito de Wolfgang Iser (1974). Ambos são pensados como estratégia textual, mas há uma diferença entre ambos. “Para Iser, os textos literários, de um ponto de vista genérico, estão marcados

Para delinear esse processo indispensável para se alcançar o potencial comunicativo do texto bíblico lucano, este trabalho foi organizado da seguinte forma: primeiramente, abordamos o texto de Lc 2,41-52 e seu contexto literário, demarcação e unidade e o lugar que ocupa no contexto literário de 1-2. Em seguida, passamos ao caminho do leitor de Lc 2,41-52, apresentando nas diversas perícopes de Lc 1-2, o caminho de leitura que foi traçado pelo autor na condução do Leitor-Modelo, tendo como ponto de chegada o relato da aurrevelação de Jesus aos doze anos (2,41-52). E, por fim, concluímos o percurso com uma breve síntese do caminho do leitor a partir dos elementos cristológicos evidenciados nos diversos episódios do relato da infância.

Texto e Contexto de Lc 2,41-52

Neste primeiro passo metodológico visamos delimitar a unidade textual de Lc 2,41-52 e situar esta perícopa no contexto literário do relato da infância (Lc 1-2), evidenciando suas relações internas e o papel desempenha nessa macronarrativa.

Demarcação e unidade

A demarcação de Lc 2,41-52 é evidente devido a indicações temporal (os pais iam todos os anos), topográfica (Jerusalém) e circunstancial (festa da Páscoa) encontradas no início da narrativa (v. 41). Estas indicações marcam uma nova cena em relação ao texto precedente (Lc 2,21-40), que narra a circuncisão de Jesus e sua apresentação ao Senhor, no templo. Há, também, mudança de personagens (menino Jesus, seus pais, os mestres, Lc 2,41.46) em relação ao texto precedente (Jesus, os pais, Simeão e Ana, Lc 2,25.33.36) e ao que se segue (João, multidões, publicanos, soldados, Herodes; cf. Lc 3,2-10).

O final da perícopa é demarcado pela indicação de crescimento do menino Jesus (v. 52), que prepara sua aparição pública em Lc 3,21-22. A inserção de novos personagens (João Batista, multidões, publicanos, soldados

por indeterminação, razão pela qual, no processo de leitura, podem funcionar de muitos modos diversos. Para o leitor-modelo, o princípio motor é diferente: a competência do leitor modelo, sua cooperação e interação com o texto são definidas por uma marca genética; por isso, só podem funcionar na/s direção/ões impressa/s pelo autor” (GRILLI, 2020, p. 47, nota 55).

e Herodes) e nova temática (pregação de João Batista, batismo) na perícopre seguinte (3,1-20) são indícios que demarcam o final do relato da infância.

O texto de Lc 2,41-52 apresenta uma unidade orgânica, constatada pelas amarras que nele aparecem mediante a repetição do substantivo Ἱερουσαλήμ: a cidade de Jerusalém é nomeada três vezes na narrativa (v. 41.43.45); o emprego dos verbos ἀναβαίνω (“subo”, v. 42), no início, e καταβαίνω (“desço”, v. 51), no final da narrativa, que contextualiza a cena em Jerusalém.

Outro fator de unidade está na repetição dos verbos ὑποστρέφω (“retorno”, v. 43.45), εἰμί (“estou”, v. 44.49), ἀνεζητέω (“procuro”, v. 44.45), ζητέω (“procuro”, v.48.49), εὕρισκω (“encontro”, v. 45.46), que descrevem as ações das personagens na narrativa. A dinâmica da narração conduz ao seu clímax no Templo, onde Jesus fala pela primeira vez, revelando o significado de seu agir.

Lc 2,41-52 no contexto de Lc 1-2

O Evangelho da infância (Lc 1,5-2,52), inserido logo após o prólogo literário (Lc 1,1-4), constitui, segundo alguns autores, uma *ouverture*, uma introdução teológica de toda a obra lucana (Lc-At) (VALENTINI, 2017, p. 17)⁶. Nessa introdução, os principais temas a serem desenvolvidos na narrativa evangélica e nos Atos dos Apóstolos são apresentados. Dentre os temas recorrentes na obra, o principal deles centra-se na cristologia. Na narrativa da infância são delineados, por meio da técnica do paralelismo, os personagens João Batista e Jesus, e seus respectivos papéis na História da Salvação, evidenciando, assim, a identidade de Jesus como Messias enviado por Deus para salvar o seu povo, com a inclusão dos gentios (RODRIGUES, 2008, p. 28).

De acordo com Muñoz Nieto (1994, p. 45), o relato da infância está organizado em três grandes seções, a saber: Lc 1,5-80; 2,1-40; 2,41-52. Nessa disposição, o relato da autorrevelação de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) encerra toda a narrativa da infância, pois constitui o clímax da progressiva

⁶ Segundo Audet (1959, p. 412-413), Lc 1-2 teria a função de prefácio (*prooimía*), com o objetivo de preparar o leitor para compreender o corpo da obra. Tal definição foi concebido segundo o estilo clássico e helenístico; Karris (1997, p. 885), afirma que se trata de uma introdução ao Evangelho, na qual aparecem os principais temas lucanos, principalmente o da fidelidade de Deus à promessa.

revelação de sua identidade messiânica feita, até agora, por personagens celestes e terrestres (cf. Lc 1,31-33.35; 1,69.1,78b-79; 2,11; 2,29-32). Neste último estágio, portanto, o próprio Jesus é quem revela sua identidade (RODRIGUES, 2019, p. 66).

No relato subsequente (Lc 3,1-20), não há indícios literários de ligação com o episódio imediatamente antecedente (Lc 2,41-52). A perícopa constitui um novo começo, pois narra a atuação profética de João Batista, trecho que prepara a aparição pública de Jesus (Lc 3,21-22) e seu subsequente início programático, na sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-30). Portanto, o relato da aurrevelação de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) encerra a narrativa da infância e, ao mesmo tempo, funciona como transição entre os períodos da infância (Lc 1-2) e do ministério público de Jesus (Lc 3-24).

O caminho do leitor de Lc 2,41-52

“Sempre que um autor cria uma narrativa, constrói um itinerário com sua trama, suas complicações e reviravoltas (*clímax*) e, por fim, suas resoluções” (GRILLI, 2004, p. 77). Assim, a disposição da narrativa, a escolha do patrimônio lexical, o estilo etc., constituem estratégias concretizadas pelo autor na construção do texto, que visa direcionar o leitor em seu processo de atualização desse mesmo texto. Isso quer dizer que o leitor não é simplesmente um receptor passivo da mensagem inscrita no texto, mas coopera ativamente na própria co-criação do texto literário. Esse leitor foi denominado por Umberto Eco (2012, p. 45) como Leitor-Modelo⁷, que “constitui um conjunto de *condições de êxito*, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial”. Dessa forma,

quem produz um texto inscreve as próprias intenções dentro do próprio texto e prescreve um percurso ou vários percursos de leitura: cria, portanto, um simulacro de leitor-modelo adequado às próprias intenções ou exigências. Estas

⁷ No processo de leitura, há um diálogo entre leitor real e leitor modelo. Nessa perspectiva, Grilli (2020, p. 47) afirma: “É óbvio que o leitor real é bem diferente do chamado leitor-modelo. Os dois não se identificam. Os leitores empíricos como todos nós, quem quer que leia o texto em determinado momento e em determinada situação, ao passo que o leitor-modelo é o leitor-tipo que o texto prevê, ou melhor, cria, ou busca, em todo caso, criar (disso depende o bom êxito da obra)”.

intencões, inscritas como rastros dentro do texto, configuram os processos de cooperação entre autor e leitor (cooperação interpretativa) (GRILLI, 2020, p. 46).

Assim, no início dessa atividade cooperativa de leitura, para que encontremos esses “rastros” deixados pelo autor, algumas perguntas de fundo devem orientar a leitura: em que momento do processo narrativo nos encontramos quando damos início à leitura do relato de Jesus aos doze anos? Quais os eventos para os quais o leitor foi preparado? Que expectativas nele foram despertadas ao longo da narrativa da infância? Que tipo de leitor foi construído até esse momento, em que Jesus, aos dozes anos, se autorrevela?

Ao ilustre Teófilo (Lc 1,1-4)

Conforme Umberto Eco (2012, p. 39), “gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros - como, aliás, em qualquer estratégia”. Desse modo, no início do relato do evangelho, evidencia-se, no prólogo, uma estratégia para conduzir o leitor nessa atividade cooperativa de atualização do texto lucano. O autor, no prólogo, não apenas nomeia o leitor, o ilustre Teófilo, mas traça as coordenadas que este deve seguir: verificar, por meio da narrativa dos eventos acontecidos entre nós, desde o princípio, a solidez dos ensinamentos recebidos (v. 1.4). Tais eventos abrangem, por meio da ἀρχή (“início”, v. 2), toda a história de Jesus, das origens (Lc 1-2) à atividade pública, que culmina em sua morte, ressurreição e ascensão (Lc 3-24). É, pois, nessa história que se manifesta a visita de Deus a seu povo, nas palavras e ações de Jesus Cristo, nas quais o leitor é conduzido a reconhecer os sinais dessa visita.

E esse leitor, capaz de perceber os sinais da visita de Deus na história, é alguém já iniciado na caminhada cristã, pois o verbo κατηχέω nos permite supor que Teófilo já foi instruído (v. 4). Tal instrução está ancorada na transmissão desses eventos, mediante as “testemunhas oculares e servidores da palavra” (αὐτόπται καὶ ὑπηρέται γεγόμενοι τοῦ λόγου, v. 2). Assim, o leitor conhece, pela tradição que, em Jesus, o Cristo, Deus visita o seu povo. Mas, ainda, necessita verificar o modo como essa visita divina acontece na

história, como reconhecer seus sinais, quais atitudes favorecem esse reconhecimento e que tipo de reação é esperada diante dessa revelação.

Andará à frente dele, com o espírito e o poder de Elias (1,5-25)

No início da narrativa dos eventos acontecidos entre nós, Lucas põe o leitor em contato com as tradições judaicas acerca da promessa divina, mediante a descrição de dois personagens, Zacarias e Isabel, pessoas justas e fiéis cumpridoras dos mandamentos divinos. Este casal de personagens não tem filhos e ambos estão em idade avançada, características que induzem o leitor a recordar-se de Abraão e Sara, ambos sem filhos e avançados em idade, a quem Deus prometeu descendência (Gn 17,19), e cumpriu sua promessa (Gn 21,1-2). O ambiente religioso e litúrgico, no qual a narrativa é contextualizada, juntamente com a alusão à história de Abraão e Sara, criam no leitor a expectativa de uma revelação divina.

A revelação é feita desde o céu, com o envio do mensageiro divino, Gabriel, que traz a Zacarias a feliz notícia de que suas orações foram ouvidas (v. 13). A promessa de um filho, com a descrição do futuro dessa criança (v. 14-15), chama a atenção do leitor acerca da promessa de salvação preparada para Israel. Essa perspectiva é despertada mediante a alusão a Abraão, cuja promessa de descendência estava orientada para o futuro de Israel (Gn 12,1-3). Aqui, no contexto de Zacarias, a promessa de um filho também está orientada para o futuro de Israel, mas em outro patamar. No v. 15, o autor deixa claro qual papel João terá na história da salvação: “ele será grande diante do Senhor. Não beberá vinho nem bebida fermentada, e desde o ventre de sua mãe será repleto do Espírito Santo”.

João é apresentado com característica de nazireu e profeta, imagens que serão desenvolvidas na narrativa da sua atuação pública em Lc 3,1-20 (VALENTINI, 2017, p. 64-64). O v. 16 apresenta a missão de João a partir da releitura de Ml 3,23 (LXX), texto que descreve a missão de Elias no Dia do Senhor. Já no v. 17 há uma menção explícita a Elias, com clara referência a Ml 3,1.22. Com isso, Lucas assemelha⁸ João à figura desse profeta anunciado

⁸ A “assemelhação” - antes que identificação - não diminui outra assemelhação, a de Jesus com Elias. Os evangelhos não identificam Jesus com nenhuma figura do imaginário

para fim dos tempos e, ao mesmo tempo, sublinha a sua condição profética (ESCUADERO FREIRE, 1978, p. 63). Com essa imagem, o leitor é introduzido no ambiente escatológico, de cumprimento das expectativas messiânicas esperadas para o fim dos tempos.

Outra imagem delineado pelo autor, diz respeito à reação inesperada de Zacarias ao anúncio do anjo: descrença e, conseqüentemente, mudez (v. 18-20). Desde já, o leitor toma conhecimento de algo importante nesse processo de reconhecimento da visita divina: não basta apenas conhecer a história da gesta de Deus, em favor do seu povo, para acolher sua ação e tornar-se anunciador da boa nova; se faz necessário, antes de tudo, a atitude de fé.

E será chamado Filho de Deus (Lc 1,26-38)

Após o anúncio a Zacarias e a revelação da identidade e missão de seu filho, João, o leitor é conduzido a uma cidadezinha chamada Nazaré, onde novamente o anjo Gabriel é enviado, agora a uma jovem chamada Maria. A cena é semelhante a antecedente, com a exceção de que o encontro se dá não em contexto religioso, mas no cotidiano. Na narrativa, o leitor acompanha o diálogo entre o anjo e Maria, no qual é revelado o propósito de sua visita.

Numa cena típica de revelação, que o leitor já está familiarizado, seja pela narrativa antecedente, seja pelo conhecimento das Escrituras, o encontro com Maria centra-se em dois pontos importantes: nas afirmações acerca da identidade e missão do menino e na reação dessa mulher diante da revelação do anjo. Nesses dois pontos, encontram-se os critérios para o reconhecimento da visita de Deus na pessoa de Jesus. A perícopes está, pois, toda orientada em função da mensagem cristológica, organizada com maestria por Lucas (SCHÜRMAN, 1983, p. 130)⁹.

escatológico, mas associam tanto Jesus como João a diversas dimensões da “visitação” escatológica.

⁹ Segundo este autor, o anjo intervém três vezes, desvelando o mistério cada vez mais profundo da mensagem de Deus: a primeira intervenção (v. 28), prepara a segunda, que comunica a mensagem propriamente dita (v. 30-33), e a terceira (v. 35-57), esclarece e aprofunda a mensagem.

A dinâmica narrativa orienta a atenção do leitor para o diálogo entre o anjo e Maria, que constitui o centro de interesse da cena. O diálogo contém uma mensagem, que compreende duas partes: o anúncio do nascimento da criança (v. 31) e a apresentação de sua identidade e missão (v. 32-35) (VALENTINI, 2017, p. 105):

- “Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai” (Lc 1,32): revela o vínculo com a expectativa messiânico-davídica (2Sm 7,9.13-14.16);
- “Será chamado Santo, Filho de Deus” (Lc 1,35): revela a singularidade da identidade dessa criança.

A promessa do nascimento de um filho (v. 31), dirigida a uma virgem (v. 27), faz alusão à profecia de Is 7,14 (SCHÜRMAN, 1983, p. 137), texto messiânico conhecido pela tradição. Assim, o leitor é orientado para interpretar os eventos nesse horizonte de expectativa messiânica. O conteúdo da mensagem é inspirado em textos da Sagrada Escritura (1Cr 22,9; Sl 2,7; 89,27-30; Is 9,5-6; 11, 10; Jr 23,5; 33,15; Zc 3,8; 6,2), e conduz o leitor a fazer reminiscência de personagens da história de Israel e, com isso, reconhecer no presente, a ação de Deus como cumprimento de suas promessas.

Não só as afirmações acerca do menino, mas também a descrição da personagem Maria, insere o leitor no horizonte das expectativas messiânico-davídicas. Contudo, o texto acrescenta algo novo e inesperado ao ser enfatiza a origem humilde de Maria. A ausência de qualquer menção de pedido ou oração por parte de Maria ressalta a absoluta iniciativa divina e o modo de seu agir (COLERIDGE, 2000, p. 63). Ao descrever o modo como acontecerá a concepção, com a descida do Espírito Santo, o texto nos indica um leitor conhecedor da tradição cristã acerca da origem de Jesus, formada a partir da concepção bíblica de sua filiação divina.

A menção à Isabel, no final da narrativa, põe o leitor em contato com o relato precedente (Lc 1,5-25), vinculando as duas concepções como ações divinas na realização de sua promessa. E as últimas palavras do anjo (v. 37), retomadas de Gn 18,14 (LXX), garantem a eficácia da mensagem anunciada. A esta mensagem responde Maria com sua adesão de fé e total abandono ao

plano divino (VALENTINI, 2017, p. 126). Reação inversa à de Zacarias, cuja posição (sacerdote) e conhecimento (Escrituras) não foram suficientes para reconhecer a eficácia da ação divina. Assim, a atitude exemplar de Maria desperta no leitor o modelo do crente, capaz de reconhecer os sinais da visita de Deus ao seu povo, e acolhê-lo pela fé.

Bem-aventurada a que acreditou (Lc 1,39-56)

A revelação da identidade e missão de Jesus avança mais uma etapa. No relato da visitação, a revelação não será feita pela mediação do anjo, mas pela ação do Espírito nas personagens que se encontram, que são apresentadas como modelos de reconhecimento da visita de Deus a seu povo. Mediante as personagens Isabel e Maria, o leitor é posto em contato com a correta interpretação dos sinais de Deus, e é convidado a colher os frutos do reconhecimento da salvação, que se concretiza na vinda do Senhor, em Jesus. Fé e interpretação dos sinais da visita divina são duas realidades correlatas nesse episódio da narrativa evangélica.

Seguindo a sequência das afirmações cristológicas, nas vozes das personagens Maria e Isabel são apresentados os sinais da visita de Deus e os meios de reconhecimento. Nesse processo de reconhecimento, Maria adquire papel fundamental enquanto modelo de fé, algo que o leitor já havia percebido no episódio anterior.

Louvor e proclamação (v. 46-55) são inseridos no quadro narrativo do encontro (Lc 1,39-45.56), no qual as ações de Maria e, conseqüentemente, de Isabel são postas em primeiro plano mediante verbos no aoristo¹⁰.

- Maria... levantou-se (ἀναστᾶσα)... foi (ἐπορεύθη) (v. 39);
... entrou (εἰσῆλθεν)... saudou (ἡσπάσατο) (v. 40);
- Isabel... ouviu (ἤκουσεν)... ficou cheia (ἐπλήσθη) (v. 41);

¹⁰ Segundo Maurizio Guidi (2020, p. 77), o verbo constitui o motor da ação narrativa, que está na base das instruções textuais. O relevo de uma narrativa é conferido por dois tempos verbais que a articula de acordo com a distinção entre primeiro e segundo planos. As ações narradas com verbos no aoristo são aquelas que fazem avançar a narrativa e, portanto, estão em primeiro plano; as ações narradas com verbo no imperfeito têm a função de fundo, com o qual o narrador descreve, reflete ou comenta as ações principais. Para uma maior explicitação do tema, *conferir* NICCACCI, Alviero. Dall'aoristo all'imperfetto o dal primo piano allo sfondo. Un paragone tra sintassi greca e sintassi ebraica. *Liber Annuus. Studium Biblicum Franciscanum*, Jerusalém, v. 42, p. 85-108, 1992.

... exclamou (ἀνεφώνησεν)... disse (εἶπεν) (v. 42);

- Maria... disse (εἶπεν) (v. 46).

Logo após a saudação de Maria (v. 40), o καὶ ἐγένετο (v. 41) ressalta o que vai ser narrado. Seguido da conjunção ὡς, insere as reações de Isabel, e da criança em seu ventre, como resposta à saudação de Maria, numa estreita relação de causa e efeito.

A resposta de Isabel à saudação de Maria evidencia uma dupla proclamação (Lc 1,42-45): a maternidade de Maria por sua fé e a celebração da salvação em Cristo (VALENTINI, 2017, p. 140). As ações de Isabel, e da criança em seu ventre, manifestam o reconhecimento da alegria messiânica. No título “Senhor”, pronunciado duas vezes por Isabel, o autor relaciona Deus (v. 45) ao messias (v. 43), numa única proclamação na qual Maria é reconhecida como “ἡ μήτηρ τοῦ κυρίου μου” (v. 43). A bênção de Isabel, inspirada no texto de Jt 13,18, lembra ao leitor a ação de Deus, que no passado libertou seu povo das mãos dos inimigos. E o saltar da criança no seu ventre, manifesta o reconhecimento daquele de quem será precursor do messias e, também, recorda ao leitor o que foi anunciado a Zacarias, que o menino será pleno do Espírito Santo desde o ventre materno (Lc 1,15c).

Nesta cena, em que se dão o reconhecimento da ação de Deus em Maria e da identidade messiânica de Jesus, por Isabel e sua criança, o autor situa o *magnificat*, o louvor da filha de Sião, como resposta ao reconhecimento da gesta de Deus, que visita o seu povo. Nesta proclamação, que começa no nível pessoal (v. 46-48a) e se amplia a “todas as gerações” (v. 49b-55), o leitor é envolvido pela gratidão e regozijo de Maria, por tudo o que Deus realizou nela, por sua fé operante. No hino, são manifestados atributos do Deus de Israel, relacionados à sua ação em prol do seu povo: salvador, poderoso, santo, misericórdia. É um Deus que eleva os humildes e depõe os poderosos. O leitor é, então, conduzido a fazer memória da história da gesta de Deus a favor do seu povo, reconhecendo, assim, a chegada definitiva de sua visita, na criança que vai nascer. Passado e presente são associados no louvor a Deus, que assegura o futuro de libertação do seu povo, cantado por Maria, a mulher de fé, que prefigura os עניים (“pobres”), os filhos de Israel que puseram, e continuam pondo, sua confiança na misericórdia de Deus.

No hino, o leitor também é conduzido à mudança de enfoque em relação ao agir de Deus, cujo poder é definido por sua ação misericordiosa (v. 50.55), perspectiva própria da teologia lucana. O hino conclui-se, então, com a referência a Abraão e sua descendência, indicando a abrangência universal da salvação a todos os que creem. Tanto Abraão como Maria são, aqui, modelos de fé, indicando ao leitor a ação necessária para reconhecer e acolher a salvação de Deus, concretizado em Jesus.

Deus visitou e libertou o seu povo (Lc 1,57-80)

O nascimento de João é relatado brevemente nos v. 57-58, em que se destaca o cumprimento da promessa anunciada por Gabriel a Zacarias (Lc 1,13-14). A brevidade da narrativa é um fator que direciona a atenção do leitor para a reação das pessoas diante do nascimento de João, reação que provocará perguntas a respeito do menino. E, nesse contexto, o autor situa o *Benedictus*, como resposta a esses eventos que causaram admiração e interrogações. E, por meio da proclamação de Zacarias, que rompe sua mudez (v. 63), serão reveladas as ações de Deus a favor de seu povo.

No cântico, os acontecimentos narrados são interpretados como cumprimento do que foi anunciado a Zacarias, no início, pelo anjo (1,13-17). Esses acontecimentos se inserem no movimento mais amplo de promessa e cumprimento: da salvação prometida a Israel no passado, que se cumpre no presente, mediante a visita de Deus, que suscita uma força salvadora, através do messias triunfante da casa de Davi (BROWN, 1982, p. 391). Louvor e profecia se mesclam nesse cântico, que resume a visita de Deus na vinda do seu Messias, “que fez surgir para nós uma força salvadora” (v. 69), e delinea a ação salvífica como libertação dos pecados. Passado e presente são retomados, para falar da fidelidade de Deus, que salvou seu povo no passado (êxodo) e continua sua ação salvadora no presente (libertação dos pecados). E, nessa mudança de perspectiva - do passado para o presente -, João Batista terá papel fundamental enquanto precursor, pois em sua pregação irá interpretar a visita de Deus por meio da ação do Messias, que concederá a salvação como perdão dos pecados (COLERIDGE, 2000, p. 126).

Na dupla finalidade do cântico, louvor e profecia, o leitor é conduzido a fazer memória do passado de Israel, para compreender, no seu presente, a intervenção de Deus por meio do seu enviado, “o sol nascente”, que visitará o seu povo novamente, trazendo-lhe salvação, por causa de sua misericórdia.

Nasceu para vós um salvador, que é Cristo Senhor (Lc 2,1-20)

O itinerário traçado pelo autor, no processo de revelação dos “eventos acontecidos entre nós” (Lc 1,1), chega a seu ponto alto na narrativa do nascimento de Jesus. Este evento é inserido no contexto da história universal, indicada por duas observações temporais: o recenseamento do imperador Augusto e o governo da Síria por Quirino (v. 1-2). Nessas duas referências, o autor chama a atenção para a autoridade divina na condução da história, situando-a na história universal (COLERIDGE, 2000, p. 140).

O nascimento do menino acontece na cidade de Belém, na pobreza de uma manjedoura e sem intervenções espetaculares (v. 6-7). É narrado de forma breve, e as circunstâncias desse nascimento exigem interpretação adequada, por parte das personagens (e do leitor). Diferente da narrativa precedente, a interpretação desses fatos vem do céu (v. 10-11) e é direcionada a simples pastores no campo (v. 8). A atenção do leitor se move tanto para a interpretação dos fatos quanto para a reação dos pastores à mensagem celeste.

A mensagem, inicialmente feita aos pastores, se amplia a todo o povo (v. 10-12), e o seu conteúdo - o nascimento de um “salvador” (σωτήρ) e sua universalidade (v. 14) -, constitui verdadeira “Boa notícia”. Nessa revelação, são definidas a identidade e missão de Jesus, mediante a retomada de títulos conhecidos do querigma cristão, a saber: o título σωτήρ (“salvador”), associado a Χριστὸς κύριος (“Cristo Senhor”). A menção à cidade de Davi, como lugar do nascimento do menino, complementa a perspectiva messiânica tradicional. O leitor conhece bem as expectativas ligadas a esses títulos, mas é instigado a ir além, ao observar o contexto desse nascimento: simplicidade e pobreza, tanto por parte do local quanto dos destinatários da mensagem celeste.

As afirmações proferidas anteriormente, a respeito da identidade do enviado de Deus, são aqui retomadas no anúncio de Jesus como “salvador”: o que Maria disse a respeito da ação salvífica de Deus na história de Israel (1,47) e o que Zacarias proclamou sobre Deus, que “fez surgir um chifre de salvação” (1,69) (COLERIDGE, 2000, p. 147). Assim, o título “salvador”, antes referido a Deus e a seu agir, agora converge para Jesus, apresentando-o como salvador e fonte de paz. No *Benedictus*, o leitor ficou sabendo que a paz de Deus é fruto do perdão (1,77.79). No contexto da história universal, no qual Augusto era tido como “salvador”, o autor afirma que o verdadeiro Salvador é o Messias prometido, da casa de Davi, que acaba de nascer. Ele trará a verdadeira paz, mediante o perdão dos pecados. Eis o motivo da alegria (v. 10).

A alegria como resultado do reconhecimento da visita de Deus, presente em todos os episódios da infância, toma aqui proporções universais: “glória a Deus no céu e paz na terra entre os homens de seu agrado” (v. 14). Aqui há um universalismo implícito, com o qual se amplia o alcance da salvação de Deus e, ao mesmo tempo, a possibilidade de abertura e reconhecimento por parte de todo ser humano (RODRIGUES, 2019, p. 56; COLERIDGE, 2000, p. 151).

Ao anúncio, se segue a acolhida por parte dos pastores e a prontidão em verificar o que foi anunciado pelo anjo. Esses dois movimentos retomam a perspectiva da fé, como característica necessária para acolher a visita de Deus em Jesus: “o narrador faz com que os pastores se ponham em marcha a fim de reforçar o que vem assinalado desde os primeiros episódios, que a fé é o que põe em marcha a ação, e para fazer uma proposta nova, que a fé é o que outorga a visão” (COLERIDGE, 2000, p. 153).

Na cena do encontro - dos pastores com José, Maria e a criança, deitada na manjedoura - surge uma nova perspectiva: de receptores da mensagem, os pastores se tornam anunciadores, ao relatarem a mensagem celeste recebida no campo. Assim, o enfoque do leitor é deslocado, do fato do nascimento, para a resposta humana a este acontecimento e ao significado de sua revelação (COLERIDGE, 2000, p. 155). Mas, há outro elemento importante desse processo de reconhecimento, ressaltado, pelo autor, na atitude de

Maria, que interioriza tudo: “Maria, porém, guardava todos esses acontecimentos meditando-os em seu coração” (Lc 2,19). A reação dela, descrita logo após a reação dos que ouviam com admiração (v. 18), chama a atenção do leitor, para fazer a passagem, do “admirar-se” diante da ação divina, para o “meditar no coração”. Essa é a atitude do verdadeiro discípulo que se dispõe a “verificar a solidez dos ensinamentos recebidos” (Lc 1,4). Maria torna-se, pois, o modelo de discipulado: “precisamente porque Lucas a descreve no ministério como crente e discípula, tem que apresentá-la aprofundando no significado dos acontecimentos que tiveram lugar e do sinal concedido” (BROWN, 1982, p. 449).

Meus olhos viram a tua salvação (2,21-40)

Na narrativa da purificação de Jesus no Templo, a revelação da identidade de Jesus, que o leitor acompanha desde o início, ganha aqui notável aprofundamento. Dois personagens são destacados, Simeão e Ana, ambos representantes do Israel que aguardava a salvação prometida aos antepassados, e constituem testemunhas qualificadas da fé judaica. Por isso, no testemunho de ambos, o autor sublinha o reconhecimento da identidade e missão de Jesus, como Messias, cuja salvação está aberta a todas as nações. Com isso, o leitor tem a garantia de que a salvação realizada em Cristo, com abertura aos gentios, faz parte, desde o início, do plano salvífico de Deus, prometido a Israel.

O contexto religioso ligado ao Templo, como lugar do encontro com Deus, corrobora essa perspectiva. Toda a cena é permeada pela ação do Espírito de Deus, que conduz as personagens ao reconhecimento do menino, como salvação de Deus: “agora, Senhor, tu deixas ir em paz teu servo, segundo a tua palavra, em paz, porque meus olhos viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória de Israel, teu povo” (Lc 2,29-32).

Nesse cântico, acentua-se o cumprimento da promessa de Deus e o reconhecimento da salvação, prometida e esperada pelo povo, que ultrapassa os limites de Israel e alcança todas as nações. Essa perspectiva universal já foi anunciada por Zacaria (Lc 1,79), mas se amplia, notavelmente, na menção

explícita às nações: πάντων τῶν λαῶν (“todos os povos, v. 31) e εἰς ἀποκάλυψιν ἐθνῶν (“para revelação de gentios”, v. 32). O vocábulo ἐθνός (“nações”), em geral, é empregado por Lucas, para se referir aos gentios (Lc 2,32; 12,30; 21,24; 22,25; At 11,1).

A revelação de Simeão, não apenas diz respeito ao reconhecimento da salvação de Deus em Jesus, mas diz algo sobre o futuro que o aguarda. O futuro de Jesus não é apenas de acolhimento, mas comporta rejeição, como resposta negativa à sua pessoa, que o conduzirá a um desfecho trágico (v. 34), no qual se desvelará as intenções dos corações e suas consequências na história da salvação.

Por meio do testemunho da profetiza Ana, o leitor é posto diante da atitude necessária para o reconhecimento da salvação escatológica de Deus, prometida a seu povo e realizada em seu enviado, Jesus. Aproximar-se de Jesus para, então, testemunhar a salvação operada por ele.

O motivo da salvação, já explicitado anteriormente no *Magnificat* (1,47), no *Benedictus* (1,71.77), no anúncio dos anjos (2,11) e no cântico de Simeão (2,30), é retomado nesse trecho, na perspectiva de Jerusalém, lugar onde estava centrava a religiosidade judaica. Novamente são reiterados a perspectiva da realização da promessa de Deus a Israel e o convite a que o povo rejubile de alegria pela salvação realizada em Jesus.

Estar naquilo que é de meu Pai (Lc 2,41-52)

O itinerário de revelação da identidade de Jesus, delineado por Lucas no relato da infância, chega a seu clímax. O leitor carrega consigo uma bagagem de conhecimento e experiências, que o prepara para uma tomada de decisão, diante do que irá verificar no final desse relato.

Como na cena precedente, a narrativa é situada no contexto religioso de Israel, tanto pela ocasião da festa da Páscoa, quanto pela localização do relato, em Jerusalém e, especificamente, no Templo. A informação, no início, a respeito da peregrinação anual dos pais de Jesus à cidade santa, cria esse ambiente religioso onde irá desenrolar toda a trama narrativa. A indicação da idade do menino Jesus, doze anos, chama a atenção do leitor, familiarizado com as tradições religiosas judaicas: circuncisão (1,39; 2,21), apresentação ao

Senhor (2,23-24) e, agora, o *Bar Mitzvah*¹¹ (2,46-47). Como o leitor acompanhou, nos relatos antecedentes, as revelações acerca da identidade e missão de Jesus, em contextos e lugares diversos, ele aguarda mais uma manifestação divina acerca de Jesus.

A narrativa põe os pais, e Jesus com eles, na peregrinação anual a Jerusalém, para a festa da Páscoa. Mas o enfoque não está na celebração da festa, nem muito menos na peregrinação. Está, pois, na atitude de Jesus em ficar na cidade, enquanto seus pais retornam com a comitiva para sua cidade natal. Observe que a peregrinação e festejo são mencionados em apenas dois versículos, direcionando a atenção do leitor para o drama da busca por Jesus. Um pormenor, acerca do menino, deixa o leitor de sobreaviso quanto à atitude de Jesus que, conseqüentemente, exigirá uma interpretação. No v. 43, o autor descreve que ὑπέμεινεν Ἰησοῦς ὁ παῖς ἐν Ἱερουσαλήμ (“permaneceu o menino Jesus em Jerusalém”), para indicar que a permanência do menino, em Jerusalém, não foi por acaso, ou seja, ele não se perdeu, mas quis ficar na cidade. O fato de Jesus ser denominado “menino”, e de já ter completado “doze anos”, justifica essa perspectiva.

A falta de conhecimento dos pais (v. 43) cria a motivação, para que eles não sintam a falta do menino, até procurá-lo entre os parentes e conhecidos (v. 44). Retomando o caminho de volta a Jerusalém, a busca pelo caminho continua (v. 45), e se conclui apenas em lugar e dia determinados: no terceiro dia, em Jerusalém. O leitor, informado desde o início, a respeito das ações divinas na condução da revelação do seu enviado, em locais e momentos precisos, já sabe o que esperar. Também a menção ao “terceiro dia” é de conhecimento do leitor, que conhece tanto a tradição referente ao terceiro dia da ressurreição, quanto a da ação de Deus na história, a favor do

¹¹ Segundo o verbete BAR MITZWAH, 1971, p. 244, a tradição recordada na literatura talmúdica alude ao fato que em Jerusalém durante o período do segundo Templo, havia o costume para os sábios em abençoar a criança que tinha completado seus 12 ou 13 anos. Alguns autores (F. Manns, J. Fitzmyer, R. Rodríguez Carmona, P. W. Van der Horst, A. Plummer e H. J. De Jonge) associam essa cena ao ritual do *Bar Mitzwah* de Jesus, enquanto outros (R. E. Brown e F. Bovon) afirmam referir-se apenas à idade adulta do menino.

justo¹². Assim, o autor cria um momento singular na narrativa do encontro dos pais com Jesus, no qual toda a atenção do leitor se volta para esse momento.

As circunstâncias em que o menino é encontrado chamam a atenção, pela imagem sapiencial: Jesus estava sentado entre os mestres, ouvindo-os e interrogando-os, não como um mestre, mas como um discípulo interessado em aprender com os mestres por meio de perguntas e respostas (RODRÍGUEZ CARMONA, 1992, p. 183). E, nesse caso, o ritual do *Bar Mitzwah* oferece o contexto

interpretativo para essa cena, pois há elementos no texto que combinam com este ritual¹³.

Uma vez delineada o contexto comunicativo da revelação de Jesus, o leitor se prepara para escutar, dele mesmo, o significado de seus atos, mediante o diálogo entre mãe e filho, ponto central da narrativa (v. 48-49). As personagens desse diálogo são postas em primeiro plano, mediante o duplo emprego verbo λέγω (“digo”), no aoristo indicativo. As frases, organizados numa estrutura quástica, evidenciam que pergunta e resposta estão perfeitamente entrelaçadas.

A. Τέκνον, τί ἐποίησας ἡμῖν οὕτως; B. ἰδοὺ ὁ πατήρ σου κάγω ὀδυνώμενοι ἐζητοῦμέν σε.

B'. Τί ὅτθ ἐζητεῖτέ με

A'. Οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναι με;¹⁴

Assim, à pergunta da mãe, a respeito do porquê Jesus fez isso com eles, os pais (A), seguida da descrição da “busca com aflição” deles, como justificativa de tal pergunta (B), responde Jesus com dupla pergunta na qual ele justifica o seu agir. A primeira (B’), formulada com verbo no imperfeito (ἐζητεῖτέ), funciona como pano de fundo da segunda (A’), que constitui a afirmação fundamental de Jesus. Com a frase “não sabíeis que nas coisas de

¹² Em Oséias encontramos a formulação da expressão “terceiro dia” para afirmar a intervenção de Deus a favor do justo: “Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia nos ressuscitará e viveremos em sua presença” (Os 6,2).

¹³ Segundo Manns (1978, p. 347-48), o tema do terceiro dia, a menção à idade de doze anos, o emprego dos verbos subir, descer, buscar e encontrar, seriam indícios para afirmar que o texto lucano faz alusão ao *Bar Mitzwah* de Jesus. Além disso, no Targum Néofiti de Ex 19,10.15-16, o tema do terceiro dia está ligado ao dom da Lei no Sinai, e o ritual faz justamente a passagem da infância à vida adulta ao torná-lo “filho do preceito”.

¹⁴ RODRIGUES, 2019, p. 75.

meu pai devo estar?”, Jesus explicita sua atitude para com os seus pais, afirmando a “necessidade” fundamental de cuidar daquilo que é de seu pai (celeste). A contraposição entre o “teu pai e eu”, da pergunta de Maria, e o “meu pai”, da resposta de Jesus, relativiza a relação de Jesus com seus pais terrenos, em função de sua relação única com o pai celeste. Isso, também, é evidenciado na correspondência entre o verbo ποιέω (“ajo”), na pergunta de Maria pelo “agir de Jesus”, e os verbos δεῖ εἶναι (“devo estar”), ambos postos em primeiro plano. O verbo δεῖ é empregado, na obra lucana, para indicar a necessidade fundamental de Jesus de fazer a vontade do Pai, e levar a cabo sua obra.

No final do diálogo, a incompreensão dos pais acerca do dito de Jesus e a informação final de que Maria guardava todas as coisas em seu coração, caracterizam um convite ao leitor, que continue seu itinerário de leitura e confirme na práxis de Jesus (Lc 3-24), tudo aquilo que foi revelado acerca de sua identidade messiânica e missão salvífica. Mas nessa trajetória que continua, o leitor está bem informado sobre o necessário para reconhecer em Jesus, a visita divina: nas palavras e atos de Jesus, o Cristo, se concretizam a salvação de Deus, para judeus e gentios.

A conclusão do percurso

Ao final desse percurso de leitura do relato da infância, o leitor carrega consigo uma imagem bem delineada a respeito do enviado de Deus, o Messias Jesus. Mas não só isso! O reconhecimento de Jesus, o Messias, como enviado de Deus, não acontece de imediato, mas mediante alguns acontecimentos que necessitam de interpretação. Os critérios para interpretar foram apresentados ao longo do texto, nos diversos episódios da infância de Jesus, mediante personagens que reconhecem a visita de Deus em Jesus. O leitor, que foi informado desde o início, acerca da identidade messiânica de Jesus, e da forma como se dá o reconhecimento de sua identidade, é convidado a acompanhar esse mesmo processo de revelação e reconhecimento, ao longo da vida pública de Jesus. Contudo, a revelação de Jesus se dará mediante sua *práxis*, na qual se revelam não apenas sua identidade messiânica, mas sua missão salvadora aberta a todos os povos. As duas perspectivas - identidade e

missão - foram apresentadas, pelo autor, no início de sua obra (1-2), como preparação para a parte central do evangelho (3-24).

O caminho do leitor mostrou como se dá essa “preparação” para a leitura do relato evangélico, na estratégia do autor que inseriu, no início do evangelho, informações essenciais para a compreensão do caminho de Jesus, Messias e Filho de Deus, como enviado do Pai, para salvar todos os povos. Em cada um dos episódios narrados, no relato da infância, é ofertado ao leitor passos importantes na construção desse caminho de revelação e reconhecimento.

No prólogo, ao leitor é assegurada a veracidade dos eventos narrados, visto que estão fundamentados na tradição apostólica e, também, são apresentadas as coordenadas do seu processo de leitura: verificar nos eventos acontecidos entre nós a solidez de sua catequese. Esses eventos acontecidos são narrados, desde o início, a saber: da infância (1-2) à atividade pública de Jesus (3-24). É, portanto, no relato da infância, qual introdução teológica à obra lucana (Lc-At), que o autor inscreve, estrategicamente, não apenas a forma como Deus visita o seu povo, mas, sobretudo, os critérios para o reconhecimento da identidade messiânica de Jesus e de sua missão salvífica. À medida que a narrativa avança, o leitor toma consciência de quem é Jesus, qual a sua missão e, principalmente, do que precisa para reconhecê-lo nos sinais manifestados na história.

No relato da anunciação do nascimento de João a Zacarias (1,5-25), o leitor compreende que, nesse anúncio, já se manifesta a visita de Deus, que se dá no cumprimento de promessas do Antigo Testamento. Nas personagens Zacarias e Isabel, o leitor faz memória de Abraão e Sara, os pais da fé, e reconhece a revelação divina, que aponta para vinda de seu Messias. Sua vinda é inaugurada pelo envio de seu precursor, conforme anunciado pelo profeta Malaquias, que associa a vinda escatológica de Deus com o profeta Elias, na descrição da personagem João. Assim, a expectativa da vinda definitiva de Deus, em seu Messias, é criada no leitor, que se prepara para a próxima etapa desse processo de revelação. E o elemento essencial para o reconhecimento: a fé.

Na cena seguinte, a do anúncio do nascimento de Jesus à Maria (1,26-38), o leitor, já com a expectativa da vinda do Messias, é introduzido em nova cena de revelação, agora diretamente referido ao Messias. Na revelação feita à Maria, pelo anjo, o leitor é informado acerca da identidade de seu enviado e de sua missão: Jesus, o Messias e Filho de Deus. No nome “Jesus”, já está indicada a sua missão: Deus salva; e nos títulos “Messias” e “Filho de Deus”, as expectativas messiânicas de salvação. Mas, no título, “Filho de Deus”, o leitor é instigado a ulterior aprofundamento. Na personagem Maria, mulher simples, de uma cidadezinha na Galileia, o leitor é lembrado de algo essencial: a fé constitui elemento indispensável para o reconhecimento da visita de Deus. Antes, em Zacarias, é a falta de fé que impede o reconhecimento e, agora, em Maria, é sua fé incondicional que permite, não apenas o reconhecimento da visita de Deus, mas a possibilita na vinda do Messias.

No encontro de Isabel com Maria (1,39-56) são manifestados alguns critérios importantes para o reconhecimento da visita de Deus em seu Messias: humildade, abertura e fé. Com isso, o leitor poderá compreender, em sua leitura da atividade pública de Jesus, os destinatários privilegiados da ação de Deus em Jesus, assim como o porquê da rejeição e suas consequências. Quanto à revelação da identidade e missão de Jesus, a proclamação de Isabel à Maria, como “mãe do meu Senhor”, e o estremecer da criança em seu ventre, confirmam aquilo que foi revelado nas anunciações: a vinda do Messias é o cumprimento da promessa de salvação esperada pelo povo. A proclamação de Maria, no *Magnificat*, retoma essa perspectiva, e informa ao leitor, que é somente pela leitura do passado de Israel, da história da ação de Deus em prol de seu povo, à luz da fé, que se pode reconhecer, nos sinais apresentados, a salvação que se inicia com sua visita definitiva em Jesus, o Messias e Filho de Deus.

Nos dois relatos de nascimento, tanto de João quanto de Jesus, o enfoque do leitor é conduzido, não tanto para o nascimento propriamente dito, mas para a interpretação que é dada a esses acontecimentos. No relato do nascimento de João, a ênfase está naquilo que é proferido por Zacarias, quanto ao papel de João, como precursor, que irá preparar o caminho do

Messias, mediante a mudança de mentalidade do povo a respeito do modo como acontecerá a salvação. Quanto ao nascimento do Messias, o leitor se volta para as circunstâncias desse nascimento, que pedem interpretação. Esta é proporcionada pelos anjos a pastores que, ao constatarem o sinal, tornam-se os primeiros anunciadores da Boa Notícia do nascimento do salvador. Também, por meio do anúncio dos anjos, o leitor é informado a respeito dos destinatários da salvação: todas as pessoas beneficiárias do favor divino (2,14).

No relato da apresentação de Jesus no Templo (2,21-40), a revelação da identidade messiânica de Jesus acontece em ambiente religioso, por meio de dois personagens que encarnam as expectativas do povo, em relação à salvação: Simeão e Ana. Ambos, conduzidos pelo Espírito, reconhecem em Jesus a salvação prometida, e dão testemunho desse evento, informando mais uma vez ao leitor, quais os critérios do reconhecimento da revelação de Deus, em Jesus. Mas não só isso! Ao leitor é reafirmada a dimensão universal da salvação, ofertada por Deus em Jesus, assim como as consequências da rejeição, por parte do povo de Israel.

E, por fim, o leitor chega ao ponto alto desse processo de revelação da identidade de Jesus e de sua missão. As diversas afirmações a respeito do menino, proferidas como reconhecimento da ação de Deus no cumprimento de sua promessa de salvação, deram ao leitor conhecimento necessário para interpretar o último episódio da sequência narrativa (Lc 2,41-52). Nesse episódio, a revelação da identidade messiânica de Jesus e o teor de sua missão estão contidos em suas próprias palavras (cf. Lc 2,49), que desvelam o sentido de sua ação (cf. Lc 2,43.46). Identidade e missão estão intimamente relacionadas: “Jesus é o Filho que veio realizar a vontade do Pai” e, para isso, supera as expectativas nacionalistas do seu povo (cf. Lc 2,47.48a).

Lucas propõe um percurso de leitura no qual se compreende que os acontecimentos relatados no evangelho da infância, os sinais da visita de Deus, se configuram como cumprimento das promessas de Deus a seu povo, que se realizam com a vinda de Jesus, o Messias. Esta vinda é revelada pelas vozes angélicas (Lc 1,26-38 e 2,10-14), anunciada profeticamente por homens e mulheres inspirados (Lc 1,43; 2,28-35; 2,38) e, finalmente, pelo próprio

menino Jesus, que profere um dito revelador de sua identidade messiânica e missão (Lc 2,49).

Esse é o caminho do Leitor-Modelo traçado pelo autor lucano, inscrito no próprio texto, com quem o leitor empírico dialoga numa colaboração interpretativa para, assim, alcançar a potencialidade comunicativa do texto evangélico.

Referências

BAR MITZWAH. In: WIGODER, G.; SECKBACH, F. (Eds.). *Encyclopaedia Judaica Jerusalem*. New York: MacMillan, 1971. v. 4, p. 244.

BROWN, Raymond E. *El nacimiento del Mesías: comentario a los relatos de la infancia*. Madrid: Cristiandad, 1982.

COLERIDGE, Mark. *Nueva lectura de la infancia de Jesús: La narrativa como cristología en Lucas 1-2*. Madrid: Almendro Córdoba, 2000.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: la cooperación interpretativa en el texto narrativo*. 3.ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1993.

ECO, Umberto. *Seis passeios nos bosques da ficção*. Lisboa: Gradiva, 2019.

ESCUADERO FREIRE, Carlos. *Devolver el evangelio a los pobres: a proposito de Lc 1-2*. Salamanca: Sigueme, 1978.

FITZMYER, Joseph A. *El evangelio según Lucas*. Tomo II: traducción y comentario - capítulos 1-8,21. Madrid: Cristiandad, 1987.

GERALDI, João Wanderley . *O texto em sala de aula: leitura e produção*. 3.ed. Campinas: Assoeste, 1984.

GRILLI, Massimo. A transfiguração do caminho: leitura de Mc 9,2-13 a partir da sua instância comunicativa. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 64, n. 253, p. 75-106, jan. 2004.

GRILLI, Massimo. Interpretação e ação: a instância pragmática do texto bíblico. In: GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. *Comunicação e pragmática na exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 21-56.

GUIDI, Maurizio. A questão contextual: a influência do contexto sobre o texto. In: GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. *Comunicação e pragmática na exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 57-91.

ISER, Wolfgang. *The Implied Reader: patterns of communication in prose fiction from burnyan to beckett*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1974.

MANNS, Frédéric. Luc 2,41-50 témoin de la bar mitswa de Jesus. *Marianum*, Roma, v. 40, n. 121-122, p. 344-349, 1978.

MUÑOZ NIETO, Jesús María. *Tiempo de anuncio: estudio de Lc 1,5-5,52*. Taipei: Facultas Theologica S. Roberti Bellarmino, 1994.

NICCACCI, Alviero. Dall'aoristo all'imperfetto o dal primo piano allo sfondo. Un paragone tra sintassi greca e sintassi ebraica. *Liber Annuus. Studium Biblicum Franciscanum*, Jerusalém, v. 42, p. 85-108, 1992.

RODRIGUES, Márcia E. “*En tois tou patrós mou*” (Lc,2,49): a identidade messiânica de Jesus segundo Lc 2,41-52 (e Lc 4,16-30). 2019. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2019.

RODRIGUES, Márcia Eloi. O Cristo pós-pascal na narrativa da infância segundo Lc 2,41-52. 2008. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008.

RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. Jesús comienza su vida de adulto (Lc 2,41-52). *Estudios Bíblicos*, v. 50, n. 1-4, p. 177-189, 2ª época 1992.

SCHÜRMAN, Heinz. *Commentario teológico del nuevo testamento: il vangelo di Luca*. Brescia: Paideia, 1983.

VALENTINI, Alberto. *Vangelo d'infanzia secondo Luca: riletture Pasquali delle origini di Gesù*. Bologna: Dehoniane, 2017.

Trabalho submetido em 12/10/2023.

Aceito em 27/12/2023.

Marcia Eloi Rodrigues

Doutora pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), com período sanduíche na Pontificia Università Gregoriana, em Roma, sob a orientação do prof. Dr. Massimo Grilli. Mestre em Teologia bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e graduada em Teologia na mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9035-7948>. E-mail: ir.marcianj@gmail.com